

## ENTREVISTA COM O PROFESSOR JEAN-ROBERT POULIN

Neste número da Revista Educação Especial em Debate (REED), é com satisfação que apresentamos um texto decorrente da entrevista realizada com o professor Jean-Robert Poulin, que atualmente se encontra na Universidade Federal do Ceará.

O professor Jean-Robert Poulin possui Doutorado (Ph.D) em Orthopédagogie, pela Université de Montréal (1990); Mestrado en Éducation (Enseignement), pela Université Laval (1975); Aperfeiçoamento em Déficience Intellectuelle, pela Université de Genève (onde trabalhou com a equipe de Elsa Kitsikis); e Graduação em Licence en Enseignement (enfance inadaptée), pela Université Laval (1971).

Há vários anos o professor desenvolve estudos na área de educação especial, tendo realizado pesquisas em inclusão escolar, deficiência intelectual, conflito sociocognitivo e aprendizagem cooperativa. Diante disso, vem atuando na formação de professores para o atendimento educacional especializado. O professor tem uma vasta produção bibliográfica na área de educação especial.

Atualmente é professor visitante na Universidade Federal do Ceará, com bolsa da CAPES. Mas, já foi professor visitante na mesma universidade, em 2008 e 2011, com bolsa do CNPq. Presidiu, no ano de 2010, a convite do Ministério de Educação da Bélgica, a Comissão de Avaliação da Qualidade de Programas de Formação de Professores da Educação Infantil da Bélgica francófona. Desenvolve um projeto de pesquisa intitulado *A influência da mediação sobre a interação social e as estratégias cognitivas de pessoas com deficiência intelectual por meio da utilização do facebook*, coordenado pela professora Rita Vieira de Figueiredo, da Universidade Federal do Ceará.

**REED** – Como o senhor sabe, no Brasil, a partir de 2008, foi instituída a escola regular como espaço de escolarização de crianças com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação. O senhor pode nos dizer como se organiza a educação escolar dessas crianças e jovens na província de Quebec?

**Jean-Robert Poulin** – Bom, a situação dessa província é diferente da que existe no Brasil. Lá não tem uma lei que torna obrigatória a escolarização do aluno com deficiência na classe comum, tal como existe no Brasil. No Canadá, a educação é de jurisdição provincial e não federal. Unicamente duas, das dez províncias canadenses, têm lei que exige a inclusão dos alunos com deficiência na classe comum. Eu vou falar particularmente de Quebec.

Na província de Quebec, devemos entender que a educação inclusiva é mais uma questão de filosofia do governo, de valorizar a educação inclusiva. A escolarização desses alunos pode ser na sala de aula especial. A sala de aula especial existe, mas tem tendência a desaparecer em virtude de um esforço para incluir, ao máximo possível, esses alunos na classe comum. Mas não é um objeto, legalmente falando.

O Ministério de Educação da província de Quebec, em seus documentos oficiais, considera que a classe comum constitui o meio mais favorável para o desenvolvimento das crianças. Entretanto, não existe uma obrigatoriedade na lei que determine que todas as crianças devem frequentar a sala comum. Quando uma escola entender que uma criança não pode frequentar a classe comum, ela deve fazer a demonstração precisa dessa impossibilidade, pois existe uma orientação muito forte na direção da educação inclusiva.

Hoje, podemos constatar uma porcentagem impressionante de alunos com deficiência ou com dificuldade de adaptação e/ou de aprendizagem frequentando a sala de aula comum. Verificamos uma evolução no sentido da inclusão, quando comparamos a situação atual com aquela de uma década de anos. Em 2017, na educação infantil, 72% dos alunos que apresentavam deficiência e/ou dificuldades de adaptação e de aprendizagem estavam na sala de aula comum – no ensino fundamental 84,9% e no ensino médio, 63%. O grande desafio se situa na inclusão dos alunos do ensino médio. Infelizmente essa estatística esconde a realidade de alunos com autismo, deficiência intelectual e deficiência múltipla, cujo índice de inclusão no ensino fundamental e médio ainda permanece baixo.

**REED** – Então, em Quebec, não é somente o aluno com deficiência que tem um atendimento diferenciado? O que o senhor quer dizer com alunos “com dificuldades de adaptação e de aprendizagem”?

**Jean-Robert Poulin** – Em Quebec, existe uma classificação dos alunos que apresentam necessidades educacionais especiais. Temos duas grandes categorias: os alunos com deficiência e os com dificuldades de adaptação e/ou de aprendizagem. Todos podem receber apoio na escola. Por exemplo, crianças surdas ou com deficiência visual, que frequentam a classe comum, podem receber apoio técnico para acompanhamento escolar e auxílio no processo de aprendizagem e/ou de socialização. O mesmo acompanhamento pode ser oferecido para alunos com deficiência intelectual ou com autismo.

Para aqueles alunos que apresentam dificuldade de adaptação e/ou dificuldade na aprendizagem escolar, existe o serviço denominado *Dénombrement Flottant*, inspirado do sistema *Free Flow* americano. Mais precisamente, trata-se de um serviço que reúne professores especialistas em educação especial, com a responsabilidade de acompanhar uma vez, ou várias vezes, por semana esses alunos. De acordo com o número de alunos de cada escola, é definida a quantidade de professores especialistas que os apoiarão, no que se refere à adaptação escolar e à aprendizagem. Esse acompanhamento pode ser realizado dentro ou fora da sala de aula comum. Em todas as escolas públicas de Quebec, em todos os níveis de ensino, esse serviço é oferecido. Por exemplo, o aluno que tem dificuldade de aprendizagem na leitura recebe apoio do tipo *Dénombrement Flottant* por um profissional especialista em *orthopedagogie* ou em *adaptação escolar*. Esse profissional pode apoiar o aluno dentro ou fora da sala de aula, para facilitar o processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Ele pode também ir à sala de aula comum para apoiar o professor e o aluno naquele ambiente.

**REED** – O senhor poderia dizer se há uma proposta diferenciada para os alunos com deficiência, conforme a especificidade deles? Tem alguma diferença no apoio oferecido a eles? Para um aluno surdo, por exemplo, tem orientações específicas para ele?

**Jean-Robert Poulin** – Conforme orientações do Ministério de Educação, primeiro devemos favorecer a presença desse aluno na sala de aula comum. O aluno que apresenta surdez recebe apoio técnico que vai facilitar a inclusão dele na sala de aula comum. Ele recebe apoio em função das dificuldades que pode encontrar no que se refere à dimensão auditiva. Esse apoio visa a facilitar a adaptação social e nas aprendizagens escolares. É importante ressaltar que, tal como ocorre no Brasil e em outros países, muitos alunos surdos preferem vivenciar a escolarização em escolas especiais.

**REED** – O mesmo ocorre com o aluno cego ou com deficiência intelectual?

**Jean-Robert Poulin** – Sim, sim. Frequentemente podemos encontrar profissionais técnicos especializados que recebem uma formação de nível colegial, uma formação técnica de três anos para desenvolver algumas habilidades que permitem fazer esse acompanhamento. Entretanto, esses profissionais não têm formação pedagógica, ficando sob a responsabilidade do professor do ensino comum proporcionar a adaptação desses

alunos. Para isso, eles podem contar com o apoio de conselheiros pedagógicos especialistas. Assim, existe apoio para favorecer a inclusão na sala de aula comum.

**REED** – O que o senhor pode nos dizer a respeito dos desafios que Quebec tem na educação desses alunos?

**Jean-Robert Poulin** – Então, nós temos vários serviços possíveis. Mas é importante frisar que existe um problema muito complexo que é a coordenação entre os especialistas envolvidos no acompanhamento desses alunos. Isso porque existem pessoas com diferentes formações implicadas nesse acompanhamento, particularmente, dos alunos com deficiência. Por exemplo, para atuar com os alunos que apresentam disfasia, você não imagina o número de especialistas envolvidos: psicólogo, assistente social, ortofonista, médico e, naturalmente, o pedagogo. O grande problema é a coordenação do trabalho entre todos esses profissionais. Isso é de uma grande complexidade e ainda não está resolvido em Quebec, mas uma tomada de consciência está se fazendo e eu acho que se conseguirá desenvolver mecanismos para favorecer essa articulação entre os profissionais.

**REED** – E em relação ao envolvimento das famílias dos alunos com deficiência?

**Jean-Robert Poulin** – Os documentos oficiais apontam que a articulação da família com a escola é um elemento facilitador da inclusão do aluno que tem necessidade particular. Mas isso me parece ser outro desafio que a escola deve resolver. Existe, na lei, a participação dos pais em diferentes Comitês da escola e da organização escolar, mas a grande dificuldade é que os professores nem sempre abrem a porta da escola para eles e os pais devem ser considerados como pessoas que vão contribuir com o desenvolvimento dos alunos. Desse jeito, parece que o professor pode se beneficiar da experiência dos pais, pois são eles quem conhecem melhor o aluno, mas, na escola, os professores frequentemente não reconhecem essa contribuição potencial dos pais na educação.

**REED** – Esse comentário que o senhor fez nos leva para a próxima pergunta que não foi respondida, que é sobre a formação do professor. Em linhas gerais, como ocorre a formação do professor que atua na educação especial em Quebec?

**Jean-Robert Poulin** – Em Quebec, temos o professor formado para atuar na sala de aula regular e o professor *ortopedagogo* ou especializado em adaptação escolar. São duas formações totalmente diferentes. De um lado, temos o profissional ortopedagogo que pode fazer intervenção no contexto da sala de aula especial, mas pode também ir à sala de aula comum para apoiar o aluno que tem necessidades educacionais especiais. De outro lado, você tem a formação do professor de sala de aula comum. Esse professor recebe alguma formação sobre os alunos que apresentam deficiência ou dificuldades de adaptação e/ou de aprendizagem. Deste modo, podemos perceber que a educação inclusiva está pouco presente na formação desses professores, os quais têm um papel fundamental a desempenhar nessa perspectiva inclusiva.

Minha percepção é que nós devemos acabar com esses dois tipos de formação diferentes. Parece-me que existe uma resistência enorme da parte dos professores formadores do professor que atuará no primário e no secundário com a questão da educação inclusiva. Uma resistência que, em Quebec, é claríssima. Esse parece ser o primeiro fator que impede uma evolução maior dessa modalidade de educação. Essa existência de dois tipos de formação e a resistência dos professores formadores do professor do ensino fundamental e do ensino médio não favorecem em nada a inclusão escolar. Curiosamente, a formação em adaptação escolar se interessa muito mais pela educação inclusiva do que a formação do professor do ensino comum. Entendo que o governo de Quebec necessita ficar mais atento às universidades, quando falamos dessa questão central na formação.

A preparação para a educação inclusiva deve se apoiar sobre a valorização da diferença. É a valorização da diferença que é essencial. É sobre conhecimento e valorização. Por quê? Porque na escola, hoje, a heterogeneidade é muito grande e é impossível desconhecer e levar em consideração essa realidade. A negação dessa realidade pelos professores formadores está na contramão da evolução social atual. É uma forma de resistência à educação inclusiva. A formação atual dos professores parece se apoiar, particularmente, sobre a valorização de normalização. Se nós não conseguirmos ultrapassar essa realidade e trabalhar juntos, em cooperação, a educação inclusiva não vai avançar. Na província de Quebec, nós sabemos muito bem, a partir de várias experiências, que a educação inclusiva pode funcionar, mas existem condições para realizar essa educação. Os formadores de professores devem se implicar mais com a educação inclusiva.

Então, essa questão da formação dos professores é uma dimensão essencial, que necessita de uma transformação profunda. Devemos abandonar formações em que predominam as noções de norma e de normalidade – as quais são fontes de marginalização – e privilegiar um tipo de formação de professores em que, o que eu chamo da *pedagogia da contribuição*, tenha um lugar central. Uma formação cujo centro das preocupações seja a educação inclusiva, a valorização das diferenças e a contribuição entre os alunos em seus processos de aprendizagem. É importante criar condições para que a escola seja um lugar privilegiado de aprendizagem da contribuição entre e para os cidadãos. É um sonho, mas que me parece possível de realizar.

Temos um desafio enorme quanto à formação dos futuros professores na perspectiva da educação inclusiva. Não é fácil. Lembro-me de que, no final dos anos 1970, eu estava envolvido com a formação dos professores para adaptação escolar em uma universidade quebequense. Com um grupo de professores, fiz a proposta de rever a formação inicial, realizando uma formação unificada para todos os professores do ensino fundamental, bem como daqueles da adaptação escolar, isso na perspectiva de favorecer a inclusão escolar. Porém, essa formação nunca foi realizada. Quase quarenta anos! Mas, continuamos seguindo nessa direção.

**REED** – Sobre a formação continuada, o que o senhor pode nos dizer?

**Jean-Robert Poulin** – Na formação continuada, o desafio ainda é outro. Para mim é claro que é uma solução, uma solução que pode ser muito rica. É uma solução que vai se apoiar sobre a equipe da escola. Cada equipe, cada escola deve se organizar e tratar essa questão de verdade, em uma perspectiva em que os professores vão trabalhar juntos para resolver os problemas com os quais eles são confrontados no dia a dia. Isso me parece essencial, mas não é por meio de uma formação universitária, como conferências, palestras etc. A formação continuada na escola pode ser feita entre os professores e/ou com o apoio de outros profissionais, mas a partir de um problema concreto vivido pela comunidade escolar. Cada escola tem suas particularidades. Então, a escola deve trabalhar as suas particularidades sempre na perspectiva de não criticar, mas, ao contrário, de desenvolver maneiras para fazer que vão permitir melhorar as interações da escola em uma perspectiva de gestão da diferença. É a escola que deve criar sua própria maneira de gestão. Esse me

parece que é o desafio da formação continuada. Em Quebec, felizmente, essa realidade das equipes da escola tentando resolver os problemas é uma prática que tem tendência a se concretizar mais e mais nessa realidade. Vou lhe dizer que já temos essa orientação.

**REED** – Então professor, vamos à última pergunta. Como o senhor analisa a inclusão escolar, como área de conhecimento e de pesquisas em Quebec? Quais são as principais tendências teórico-metodológicas dos estudos em relação a essa temática?

**Jean-Robert Poulin** – Bem, em Quebec, tem grupos de pesquisadores que estão trabalhando particularmente com o desenvolvimento profissional do professor em exercício. Pessoalmente, eu desenvolvi vários estudos sobre essa questão, quando estava na Universidade de Quebec à Chicoutimi. Há várias universidades trabalhando com esse tema, o que indica sua importância. Eu penso que esse estudo vai colaborar bastante com a educação inclusiva. Outra ação é do Ministério da Educação, que tem apoiado bastante pesquisas sobre a ação colaborativa na escola. Este Ministério disponibiliza recursos financeiros para realização de pesquisa-ação colaborativa entre o meio escolar e o meio universitário. O meio escolar identifica um problema e, nesse caso, deve solicitar a participação de pesquisadores universitários para elaborar um projeto de pesquisa visando a elucidação e resolução de tal problema.

Alguns grupos de pesquisadores vêm se reportando aos problemas que existem na escola e desenvolvendo estudos sobre as práticas pedagógicas e também sobre a educação inclusiva. Com os professores da escola, os pesquisadores buscam abordar não problemas teóricos, mas realizar estudos na tentativa de desenvolver competências do saber-fazer e de atitudes dos professores da escola para resolver problemas de natureza pedagógica.

**REED** – Professor Jean-Robert, foi um prazer conversar com o senhor sobre a educação inclusiva na província de Quebec. Sua colaboração é muito valiosa para nossa revista e temos certeza de que nossos leitores vão se enriquecer com sua produção. No Brasil, nós temos muitos desafios em relação à educação especial na perspectiva inclusiva e, seguramente, também com a formação de professores, como em Quebec. Essa é uma das maiores demandas que temos a vencer. Sua produção teórica sobre o assunto auxiliará significativamente em nossos estudos. Somos muito gratos por sua atenção e colaboração.

Equipe Editorial da Revista Educação Especial em Debate